

**LILIANE PEREIRA DE SOUZA**

**VIOLÊNCIAS, HISTÓRIAS E  
MEMÓRIAS:**

**Narrativas de Professores, Gestores e Alunos**

**Copyright © Liliane Pereira de Souza**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

**Liliane Pereira de Souza**

**Violências, histórias e memórias: narrativas de professores, gestores e alunos.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 53p.

ISBN 978-85-7993-602-9

1. Narrativas de professores, gestores e alunos. 2. Violências nas escolas. 3. Escola em Mato Grosso do Sul. 4. Autores. I. Título.

CDD – 370

---

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil).



**Pedro & João Editores**  
www.pedroejoaoeditores.com.br  
13568-878 - São Carlos – SP  
2018

# APRESENTAÇÃO

A presente obra tem como objetivo apresentar as narrativas de professores, gestores e alunos de uma escola localizada na cidade de Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul. A escola foi escolhida por estar na região com o maior índice de criminalidade da capital, de acordo com o Mapa da Violência produzido pelo Ministério Público Estadual, cruzando dados do MP com os de população do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constata-se que a proporção de assassinatos na região é quase três vezes superior a outras, também populosas.

A comunidade de destino é formada por dois gestores, o diretor da escola e a coordenadora; por cinco professores, sendo eles os professores de Química, Matemática/Física, as professoras de Biologia, História e Literatura; e pelos nove jovens colaboradores desta pesquisa.

A primeira rede teve como sugestão de ser composta pela coordenadora, pelo professor de Matemática/Física, pela professora de Biologia e pela professora de Literatura. Durante a entrevista com a professora de Biologia, foi formada uma nova rede, pois a professora de História, que estava visivelmente emocionada, pediu para participar e, posteriormente, o professor de Química também quis colaborar.

A diferenciação entre gestores e professores foi a referência para a organização e constituição das redes. A rede I foi composta pelos gestores e a rede II, pelos professores e professoras. Esses colaboradores têm em comum a vivência diária das violências na escola, e essas experiências fizeram com que, naturalmente, em contraposição ao silêncio, contassem as histórias e memórias que marcaram de alguma forma o seu dia a dia.

A rede III foi composta pelos jovens colaboradores, e todos os nomes são fictícios, havendo sido escolhidos por cada um. Trata-se do nome que gostariam de ter tido, inclusive com a grafia. Assim, temos a Nycoly, a Kananda, o Peter, a Barbara, a Scarlett, o Harry, o Scot, a Annabeth e a Isabelly. Além de frequentarem a mesma escola, de morarem no bairro ou na mesma região, todos esses jovens colaboradores têm as marcas da violência na sua história de vida, seja no contexto familiar, escolar ou no bairro. As cicatrizes emocionais dessas violências estão nas narrativas contadas.

Em cada rede, os colaboradores relatam suas lembranças. Assim, a história oral de vida pôde fluir e está presente nas falas. Não se trata da exaltação do “mito da não interferência” (PORTELLI, 2001), mas é importante perceber como os discursos se entrelaçam.

As narrativas transcritas foram o principal núcleo documental e, após a transposição de oral para o escrito, captou-se o tom vital de cada relato, que em história oral, é uma frase ou palavra que sintetiza a narrativa. Em contraponto ao uso fragmentado, optou-se pelo texto transcrito literal, com uma linguagem clara e objetiva para uma melhor interpretação, “sem apagar as marcas da oralidade e as características identificadoras das falas dos colaboradores” (BARBOSA, 2006, p. 44). As narrativas de cada história oral transcrita foi conferida e legitimada por cada colaborador.

Por questões de segurança foi omitido local e datas da coleta de dados.

Boa leitura!

## **REFERÊNCIAS:**

BARBOSA, Fabíola Holanda. **Experiência e memória**: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia. São Paulo: USP, 2006 (tese de doutorado).

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Revista Projeto História**: 09-36, nº 22, São Paulo, 2001.

## **REDE I**

- O diretor da escola
- A coordenadora

*“Aqui chegava o aluno e colocava o revólver na cabeça do professor para poder passar de ano. Os bandidos subiam no muro e queriam participar da aula de educação física e, se não deixassem eles pulavam o muro, rasgavam a rede e furavam a bola. Entravam na sala de aula e pediam licença para arrastar um e poder matar lá fora”.*

## **O DIRETOR<sup>1</sup>**

No dia a dia da escola, as manifestações mais comuns de violência são referentes às relações pessoais entre meninas, por causa de meninos ou até por causa de outras meninas. O índice de violência entre meninos é quase zero. Entre meninas é o que tem mais frequência de registros na coordenação por discussão. A perda de tempo que a coordenação tem é para resolver as relações pessoais entre meninas.

Acontece a violência física, verbal, digital e a grande maioria é entre meninas. Entre meninos já é uma rixa, briga de bairros, é muito difícil ser uma briga devido a relacionamentos por causa de ciúmes de namorada, geralmente é *bullying*, apelidos.

Quando ocorre uma situação de violência na sala de aula ou na escola, nós temos dois caminhos. A escola participa do Projeto Justiça Itinerante, então nós temos o caminho da justiça antes de chegar ao civil, porque, antes, a gente tinha que ir à delegacia, fazer o boletim de ocorrência, abrir o processo civil, agora a gente entra em contato com o pessoal da Justiça Itinerante, eles vêm até a escola e marcam a audiência com os pais, vão a casa, fazem a visita e a conciliação. Então quando chega às vias de fato, quando é um caso mais grave, quem resolve é a Justiça Itinerante.

Quando é uma ocorrência simples, geralmente é resolvida dentro mesmo da sala de aula ou na coordenação. É muito raro o diretor resolver, porque o sistema de regras é bem rígido, é bem implantado. Então, quando eles fazem, já sabem o que vai acontecer.

A maior dificuldade para lidar com a violência que acontece na escola é com a família, é a família estar presente na escola. Às vezes você pega um aluno, chama o pai e quando o pai vem na escola você verifica naquele momento o motivo pelo qual o aluno está agindo daquela

---

<sup>1</sup> O Diretor está há 3 anos neste cargo, com uma carga horária de 40h semanais. A faixa etária é entre 30 a 39 anos de idade. Possui graduação em Educação Física e três pós-graduações em Educação Física Escolar, Mídias Educacionais e Pró-Gestão, esta última oferecida pela Secretaria do Estado de Educação de Mato Grosso do Sul.

maneira na escola. Quando é uma ocorrência grave, a gente manda o bilhete, entra em contato via telefone e o aluno só pode retornar às atividades dele normal quando a família vem na escola, então, geralmente, é rápido. Porque, se não, ele fica fora da sala de aula e o pai geralmente trabalha e não pode faltar ao serviço. Então no dia seguinte ele está aqui.

Então, quando o assunto é violência a participação da família é muito fraca. E, geralmente, eles acreditam mais na ilusão, porque o adolescente cria uma história e os pais cegamente acreditam numa versão do filho ao invés de acreditarem na versão da escola, mesmo com o monitoramento, mesmo com as câmeras, mostrando que o filho estava participando, eles ainda acreditam no filho. Eles sempre acham que a outra pessoa é que deu motivos para o filho, sempre. Eles não conseguem enxergar essa violência no filho, é raro.

Nós estamos numa sociedade de baixa renda, carente, então, às vezes, até um tênis novo, uma bermuda nova pode gerar uma inveja. Mas o fato que mais influencia mesmo a violência aqui é a diversidade cultural e de gênero também, porque é menina com menina, menino com menino, menina com menino, então o conflito ampliou, porque agora é quatro ou mais possibilidades de conflitos. E aqui nós trabalhamos com adolescentes na sua maioria, e é onde estão os hormônios, então qualquer coisa que é postado na rede social lá na casa dele pode dar brigas dentro da escola.

A maioria das coisas que acontecem aqui não é criada na escola, não surgem na escola, elas vêm de fora e acontecem na feira, no bar, no final de semana. E aqui dentro a gente tenta diminuir esses conflitos, mas geralmente os conflitos não surgem dentro da escola, surgem na sociedade e vêm para a escola.

Nós acabamos de perder uma aluna no fim de semana passado, porque o marido matou. Temos muitos relatos de violência de pai contra aluna, de avô, de irmão, de mãe. Chega a acontecer de perdermos várias alunas durante o ano devido à violência doméstica, contra a mulher. O pai vai dar uma surra e exagera, porque geralmente está alcoolizado e a criança vem toda marcada.

Já aconteceram violências graves aqui na escola, no ano passado, por exemplo, nós tivemos que apreender um aluno do 1º ano do período matutino com meio tabloide de maconha, quase um tijolo de maconha inteiriço dentro da mochila. Fomos para delegacia e o delegado registrou como usuário e liberou o aluno à tarde. Esse aluno não retornou para a escola, ele foi transferido definitivamente porque, como ele foi pego, tem a questão dos alunos daqui e do pessoal lá fora poderia cobrar o material que ele perdeu.

Nós já tivemos alunos agredindo fisicamente mesmo professor, ameaçando professor. Essas agressões acontecem quando o aluno vem quimicamente alterado, ele já fumou, já cheirou e entra na escola. Então, a gente já identifica que o aluno não está no seu estado normal. É raro o aluno fazer isso estando sem drogas, quase 100% dos alunos que fazem agressão verbal, física ou que estão com porte de armas dentro da escola, já entram na escola sob o efeito da droga. Não é um número alto desses alunos, mas se um é usuário em cada turno já vai chamar a atenção de todos, porque o recreio é compartilhado, o espaço, a aula de educação física, então não é difícil localizar esse aluno e os colegas falarem que é esse aluno.

Quando acontece uma agressão verbal ou agressão física do aluno contra o professor, geralmente tem alguma relação com a forma, com a metodologia em sala de aula. O aluno foi com nota baixa, perdeu prova sem justificativa e depois não pôde fazer, porque ele “estudou” e considerou que estava com 6,0 e o professor deu 4,0 e o outro colega que ele achou que não estudou foi com 8,0. E ele fica bravo. Geralmente, é por pequenos motivos, só que ele não age se não tiver sob o efeito da droga, é muito raro isso.

Nós também tivemos ocorrência de professor agredindo aluno, que no caso o professor foi exonerado do cargo de convocado, porque ele não era efetivo. A aluna mexeu com ele e ele empurrou a aluna que caiu da mesa e quebrou o braço.

Aluno com faca dentro da sala de aula para se prevenir do outro colega na hora da saída porque se envolveu numa briga lá na feira. Então, por causa das armas brancas novamente tivemos que ir para a delegacia. Nós tivemos que proibir o boné na escola, nos períodos matutino e vespertino porque eles estavam escondendo o cigarro, drogas e estiletes no boné.

Com arma de fogo, quando a gente identifica não faz a revista, a gente liga para polícia e ela vem. O bairro melhorou agora, mas aqui chegava o aluno e colocava o revólver na cabeça do professor para poder passar de ano. Os bandidos subiam no muro e queriam participar da aula de educação física e, se não deixasse, eles pulavam o muro, rasgavam a rede e furavam a bola. Entravam na sala de aula e pediam licença para arrastar um e poder matar lá fora.

O bairro melhorou agora por conta da construção civil, antes tinham muitos terrenos baldios e baratos. Então as pessoas compraram, construíram casas, mudou a população e a criminalidade migrou para o bairro ao lado. Mas a cultura é tão forte que todo mundo faz relação não com o que é agora, mas como era antes. Ainda acham que é violento o bairro, mas não é.

Eu já sofri e sofro várias violências por parte dos alunos, agressão verbal ameaça de morte, pneu de carro furado e cortado, carro riscado, várias violências. Só não chegou ainda às vias de fato, mas a ameaça é constante. E a providência é registrar o boletim de ocorrência e contato com a família.

A alternativa para acabar com a violência é a prevenção, é o trabalho com projetos. A escola desenvolve vários projetos durante o ano para tentar coibir esses tipos de ação, projetos de paz, de música, de cultura, de esporte, vários eventos que acontecem dentro da escola rotineiramente, quase que uma vez por mês.

O projeto Educando para Paz é específico para prevenir a violência contra a mulher, os professores trabalham com temas transversais dentro da sala de aula, que é o *bullying*. O pessoal da saúde vai vir com um ciclo de palestras toda semana sobre a violência, doenças sexualmente transmissíveis, aborto, estupro.

Temos também a noite cultural, o sarau e eventos para tentar diminuir o número de violência, o número de conflitos. É tratar o aluno igual, pelo menos aqui dentro da escola todos com os mesmo direitos e deveres, com a mesma qualidade de ensino, com a mesma quantidade de merenda. Então a gente faz a equiparação de todos para diminuir as possibilidades de conflitos.

De 2012 para cá, conseguimos ver as melhorias de combate à violência, que foi quando eu entrei no cargo de diretor e aprimoramos os projetos e o regimento interno da escola. Criamos o boletim do pai, que é para o pai estar presente na escola, ele recebe no início do ano, é um documento que é carimbado e datado, então ele precisa vir, é onde atesta que ele está acompanhando o filho, ele só consegue retirar as notas do filho com esse documento, nas reuniões da APM, se precisar tirar o filho da escola por problemas de saúde e quando ele é convocado pela escola, também é carimbado. O documento serve para controlar a entrada de terceiros na escola e se o Conselho Tutelar for a casa, ele mostra que está acompanhando o filho.

Foram várias ações para chegar no que está agora, além dos projetos, a escola foi pintada novamente e a poluição visual diminuiu. A estrutura física da escola é antiga, de 25, 30 anos atrás, então não tem como fazer algumas coisas, mas já foi ampliada. Foi criado o palco, laboratórios, refeitório, salas de tecnologia. Já ampliou bastante o espaço físico.

Foram implantadas câmeras com monitoramento digital, agora temos 10 câmeras ativas e com possibilidade para aumentar para 16 câmeras. Essas câmeras ficam em pontos considerados estratégicos, em todos os corredores, entradas de salas de aulas e espaços

esportivos. A partir do momento em que o aluno chega na escola ela já está sendo filmado. Fora da sala de aula existe um monitoramento a todo o momento. Então, se ele for praticar alguma violência, vai ser dentro da sala de aula, no momento da troca de professores ou lá fora.

Sobre as diferenças de antes de 2012, dá para ver com o índice de aprovação, de abandono e dos resultados das avaliações externas, que a escola tem evoluído muito e esses são os principais registros que dá para comparar. Nós tínhamos um índice de aprovação em 2011, no ensino fundamental, de 55% a 60%, agora nós estamos com 80% praticamente, então é um avanço muito grande. No ensino médio, era menos de 50% de aprovação e nós já estamos com mais de 70% de média de aprovação agora.

O que ainda prejudica a escola é o índice de evasão escolar no período noturno, porque geralmente é o aluno trabalhador, que tem que sustentar a casa, que não consegue chegar no horário mesmo sendo flexível o horário da entrada, ele perde muito conteúdo e na primeira nota baixa ele já desestimula e não vem mais. Ele prefere trabalhar e fazer hora extra a vir para a escola. Mesmo os alunos com 16 anos já têm até família, e têm que sustentar os filhos.

Os alunos têm atividades no contra turno de judô, violão, futsal, música de banda durante a semana. No fim de semana a escola não é aberta por causa da demanda do guarda, nós temos um agente patrimonial, então não pode ser aberta porque não tem quem fiscaliza, não tem um profissional disponível.

Viver num mundo sem violência é só na imaginação, porque eu ainda não vivi nesse mundo sem violência de você poder sentar na frente da sua casa com o aparelho celular e não correr o risco de passar alguém de bicicleta e levar seu telefone. Eu só visualizo, mas ainda estamos longe, o mundo inteiro está longe. Eu acho que nesse momento não é possível um mundo sem violência por causa das ações que são realizadas, futuramente, se tiver um sistema prisional mais adequado, uma casa de guarda mais adequada, a família assumir a responsabilidade da educação e deixar para a escola o ensino, pode ser.

Porque o que acontece agora é que a família está deixando os filhos na escola para os professores ensinar a dar bênção e os cuidados, então está cabendo à escola a educação em si completa e deixando muitas vezes de lado o ensino. É preciso a família retomar essa função, porque está havendo uma inversão de valores proporcionados por necessidades. Os pais não querem escola de período integral para o filho aprender, quer para que ele possa trabalhar tranquilamente ou fazer outras atividades. Então, nesse momento, está difícil mesmo ter um

mundo sem violência, porque gera abandono do aluno, do incapaz e a violência começa lá debaixo.

Minha relação com a escola é antiga, bem antiga. Meu tio foi um dos fundadores da escola, ela foi criada em 1984 e ele chegou em 1986, ele já foi diretor, mas agora é aposentado. Minha mãe foi professora dessa escola durante um tempo, então, na minha adolescência, eu não estudava aqui, mas eu vinha constantemente na escola. A minha tia também foi professora aqui. Quando eu passei no concurso, eu escolhi essa escola, é um vínculo amoroso mesmo, porque financeiramente não compensa. Todas as atividades que eu procuro desenvolver são em função da escola, do aluno, para melhorar cada vez mais a sociedade.

De um tempo para cá as pessoas têm outra visão da escola, quando tinham concursos públicos ninguém queria vir, nenhum professor queria assumir aqui, agora o nosso número de professores convocados caiu consideravelmente, temos apenas 30% de professores convocados, o restante é efetivo, e, antes de 2012, era o inverso. Nós implantamos as mídias, mesmo sendo uma escola da periferia, tem lousa digital, tem data show, tem quadro branco, não é mais giz, tem a quadra coberta, a biblioteca com um espaço bom, tem o palco. São vários ambientes que foram ampliados para atender a comunidade e eles são muito carentes, não tem espaço, no bairro não tem nenhum espaço para lazer, cultura, não tem nada. Então, eles desenvolvem suas atividades aqui na escola.

O meu respeito pela escola é muito grande. Eu já morei dois anos no bairro, eu faço feira aos domingos no bairro, tenho família que mora aqui, então minha relação com a região é muito grande. Não só os alunos me conhecem, mas os pais também, porque eu caminho no bairro, vivo a realidade do bairro e a gente evolui junto com o bairro. Eu sempre falo que nada supera o trabalho, então independente se estão fazendo ou não, continue fazendo o seu trabalho e ajudando outras pessoas para desenvolverem o seu trabalho. Então, os alunos precisam focar nos estudos, na escola, quando chegam aqui e o professor é a mesma coisa, ele esquece os problemas de casa e foca no ambiente profissional, o gestor a mesma coisa, e trabalhar cada vez mais. A gente supera todas as barreiras com muito trabalho, com dedicação.

*“Duas alunas se ofenderam dentro da escola e na saída uma delas foi muito agredida e espancada. Os pais se envolveram na briga quando resolveram se vingar e também agrediram a outra garota”.*

## **A COORDENADORA<sup>2</sup>**

As manifestações mais comuns de violência que acontecem no dia a dia da escola são as ofensas, palavras e xingamentos. Quando ocorre uma situação de violência, os envolvidos são chamados para esclarecer os motivos e chamamos a Justiça Restaurativa.

Quando acontece uma violência na saída dos alunos, no dia seguinte os envolvidos são chamados e feito um trabalho de restauração. A maior dificuldade para lidar com a violência é o contato com os pais, a família tem uma participação forçada quando o filho é envolvido no ato de violência.

Eu já sofri agressões verbais e foram feitos registros internos e o aluno foi punido, segundo o regimento escolar. Eventualmente, eu promovo sessões de estudos com os professores para trabalhar a questão da violência escolar, mas no Projeto Pedagógico da escola há um tema relacionado à violência. A escola possui um projeto voltado para a promoção da paz.

No meu entendimento, o que gera uma situação de violência em qualquer ambiente é a falta de tolerância com as diferenças. Uma situação de violência grave, por exemplo, foi quando duas alunas se ofenderam dentro da escola e na saída uma delas foi muito agredida e espancada, os pais se envolveram na briga quando resolveram se vingar e também agrediram a outra garota, foi chamada a Justiça Restaurativa, porém a aluna que foi machucada pegou a transferência da escola e não foi possível fazer um trabalho melhor.

Mas acredito, sim, que podemos viver num mundo sem violência, com respeito e amor ao próximo, porém sempre haverá algum tipo de violência, pois estamos no mundo.

---

<sup>2</sup> A Coordenadora trabalha há 3 anos nesta função com uma carga horária de 40h semanais. A faixa etária é entre 30 a 39 anos de idade. Possui graduação em Artes Visuais e pós-graduação em Tecnologias Computacionais Aplicadas à Educação.

A Coordenadora pediu para responder ao roteiro de perguntas, não quis gravar entrevista.

## **REDE II**

- O professor de Química
- O professor de Matemática e Física
- A professora de Biologia
- A professora de História
- A professora de Literatura

*“Em sala de aula não houve situações graves de violência. Eu já sofri violência, mas apenas verbalmente”.*

### **PROFESSOR DE QUÍMICA<sup>3</sup>**

Na minha opinião, o *bullying* é a forma de violência mais comum que acontece no dia a dia na sala de aula. Quando ocorre uma situação de violência, eu repreendo o aluno verbalmente, pela sua atitude.

Em sala de aula não houve situações graves de violência, talvez para agir numa situação adversa fosse necessário abordar em uma reunião pedagógica para não acabar contribuindo para o aumento da violência por descontrole emocional.

Eu já sofri violência, mas apenas verbalmente. O aluno foi repreendido pelo comportamento impróprio em sala, e logo retornou à normalidade. Bom, não faz muito tempo que eu trabalho na escola, em dois anos, das vezes que eu estava na escola não houve agressões físicas, apenas verbalmente, mas nada grave, pois nessas situações havia apenas a exaltação do aluno, quando era repreendido em seu comportamento.

Mas, segundo um colega de trabalho, no ano passado houve uma agressão física entre alunos em sala de aula, o aluno foi transferido de escola, após conversa com os pais e o aluno ficou suspenso por uns dias.

A escola possui “cadernos de registro” para cada turma, sendo a ocorrência mais grave, além de relatar a ocorrência a coordenação é comunicada sobre o mesmo. Os pais são comunicados a comparecerem na escola.

A maior dificuldade para lidar com a violência é a participação efetiva dos pais na escola. Quando os pais são chamados na escola e se trata do comportamento e da aprendizagem em sala de aula, muitas vezes comparecem, porém eu creio que há pouca participação no sentido de dialogarem com os filhos, aconselhando-os a respeitarem os outros, os limites das brincadeiras, de demonstrar interesse pelos estudos. A família deve ficar atenta às atividades de aprendizagem bem como no comportamento dos filhos e estar pronta para intervir da melhor forma possível.

---

<sup>3</sup> O professor de Química trabalha há 2 anos nesta escola com uma carga horária de 20h semanais. A faixa etária é entre 30 a 39 anos de idade. Possui graduação em Química e pós-graduação em Educação Ambiental.

O professor de Química pediu para responder ao roteiro de perguntas, não quis gravar entrevista.

Eu creio que a alternativa mais propícia para a prevenção é que a escola e os professores precisam conhecer as famílias, pois, muitas vezes, o problema pode ser o reflexo do que acontece dentro de casa, ou até mesmo do convívio do aluno fora do ambiente escolar. Uma palestra ou uma reunião mensal com os pais para estreitar uma relação de parceria com a escola.

Eu nunca desenvolvi nenhuma atividade relacionada ao combate à violência com meus alunos. E a escola não recebeu nenhum convite quanto a cursos promovidos pela Secretaria de Educação do Estado sobre esse tema.

Mas, na escola, uma professora juntamente com a colaboração da coordenação, da direção e os alunos trabalham a questão da prevenção e do combate à violência na escola e tem mostrado resultados positivos, pois no período matutino são raros os casos de violência grave. Inclusive, existe um livro de poesias dos alunos publicado sobre o tema.

A escola em si está localizada em uma região periférica da cidade e nesta região existem muitas ocorrências policiais relacionadas a vários crimes, e os alunos fazem parte desta sociedade, ou melhor, convivem junto com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano. A questão das drogas (uso e tráfico). A violência doméstica onde os próprios pais agredem-se verbalmente ou até fisicamente são fatores que podem interferir no comportamento dos alunos na escola.

Eu creio que se pode reduzir a violência através da conscientização da sociedade para o respeito das diferenças, compreendendo os seus direitos e o dos outros, assim como seus deveres. E o lugar primário onde pode haver investimentos em ações, projetos e palestras que tratam da violência é a escola.

*“Eu não sofri nenhum tipo de violência, mas presenciei uma vez um aluno agredindo o outro por causa de namorada”.*

#### **PROFESSOR DE MATEMÁTICA E FÍSICA<sup>4</sup>**

O *bullying* é a forma mais comum de violência na sala de aula. Normalmente, eu interfiro na medida do possível. Eu não sofri nenhum tipo de violência, mas presenciei uma vez um aluno agredindo outro por causa de namorada.

Não trabalho nenhum projeto com os alunos sobre esse tema e não me lembro de ter participado de nenhum curso sobre o tema oferecido pela Secretaria Estadual de Educação. Mas, na escola, existe um projeto da violência contra a mulher.

A maior dificuldade é a falta de interação da família com a escola, ou seja, cada vez mais a família deixa de se preocupar com a vida escolar dos alunos e isso faz com que eles se tornem rebeldes. Os familiares estão se afastando cada vez mais e deixando o papel de educar para a escola. A alternativa seria a família e a escola interagindo constantemente.

Quando acontece uma violência, primeiramente são chamados os responsáveis para comparecer à escola e, se caso os responsáveis não comparecerem, é acionada a entidade responsável para esses casos.

No meu entendimento, o que gera a violência é a diferença social, a falta de diálogo dentro da família. Mas acho que é possível viver num mundo sem violência quando todos fizerem sua parte e pensar no próximo em vez de pensar somente em si mesmo.

---

<sup>4</sup> O professor das disciplinas de Matemática e Física trabalha há 3 anos na escola com uma carga horária de 30h semanais. A faixa etária é entre 20 a 29 anos de idade. Possui graduação em Matemática. O professor de Matemática e Física pediu para responder ao roteiro de perguntas, não quis gravar entrevista.

*“Não há dificuldade para lidar com a violência na sala de aula e nem na escola”.*

## **PROFESSORA DE BIOLOGIA<sup>5</sup>**

As manifestações mais comuns de violência que acontecem no dia a dia da escola são as agressões verbais, o *bullying*. Quando acontece, encaminho para a coordenação ou direção. Os pais são chamados para conversar, mas há pouca participação da família na escola.

Não há dificuldade para lidar com a violência na sala de aula e nem na escola. Eu nunca sofri nenhum tipo de violência e não desenvolvo nenhuma atividade relacionada à prevenção da violência. Na escola, já existe a confecção de um livro sobre violências, onde os alunos criaram poesias. E não participei de nenhum curso sobre o tema pela Secretaria de Educação do Estado.

Para mim, a violência influencia em tudo no mundo, sendo que um mundo sem violência seria um mundo melhor, porém há vários pontos onde podemos analisar. Mas é possível viver num mundo sem violência.

---

<sup>5</sup> A professora de Biologia trabalha há 23 anos nesta escola com uma carga horária de 20h semanais. A faixa etária é entre 40 a 49 anos de idade. Possui graduação em Ciências Biológicas e pós-graduação em Educação Especial. A professora de Biologia pediu para responder ao roteiro de perguntas, não quis gravar entrevista.

*“Quando eu estava grávida de oito meses, no primeiro ano aqui, eu pedi para um aluno sentar, ele pegou a carteira dele e foi jogar em cima de mim a cadeira. O outro aluno que estava na minha frente levantou correndo, segurou o colega e falou ‘cê é louco? vai matar a professora, ela tá grávida!’”.*

## **PROFESSORA DE HISTÓRIA<sup>6</sup>**

Normalmente, o que acontece em sala de aula são agressões em palavras, agressões morais. Eles dificilmente partem para via física. Ocorre, mas não é normal. Na sala de aula, é mais ofensa mesmo entre alunos, e um ofende o outro com palavras.

Quando acontece, primeiro eu peço para eles se acalmarem e não entro no meio. Peço para que eles se acalmem, um senta num lado, o outro senta do outro, e procuro não tocar no assunto para não incitar ainda mais, porque isso pode se virar contra mim, como já aconteceu deles falarem: “Ah, o que você tá se metendo sua isso, aquilo, aquilo outro, você não tem nada a ver com isso sua isso, sua aquilo!”. Então eu peço pra eles se acalmarem. “Sentem-se, sentem-se. Estamos na sala de aula, vamos nos acalmar”. Às vezes, alguém acaba falando “Professora, posso ir ao banheiro?”, libero para ir ao banheiro. Então eu tento acalmá-los assim.

Eu percebo que quando os motivos são relacionados à vida deles fora da escola, geralmente eles se ofendem em todas as aulas, não acontece em um momento único e acaba virando uma violência física lá fora, eles acabam se batendo, marcam o horário na saída ou na entrada do outro dia e eles se batem lá fora.

Mas normalmente é relacionado à aula mesmo, eles estão brincando, alguém faz uma piada, o outro leva a sério a piada, não entende que é uma brincadeira. E eu falo “Não brinca, pra você é brincadeira, mas pro outro não é brincadeira”. Então um fala: “Ah seu pai é um traficante, seu pai é um vagabundo, você não sabe ler porque seu pai não sabe ler, seu pai é um burro”, e talvez a brincadeira vá se tornando ofensa. E se o pai dele está preso, ou realmente é um traficante, ele leva para o lado pessoal e gera o desentendimento na sala.

---

<sup>6</sup> A professora de História trabalha há 4 anos nesta escola com uma carga horária de 20h semanais. A faixa etária é entre 40 a 49 anos de idade. Possui graduação em História e pós-graduação em História Regional. A professora se emocionou muito durante a entrevista, chorou diversas vezes enquanto contava sobre o seu dia a dia na escola.

Na semana passada, teve uma briga entre alunos porque um ficou tirando foto do outro, no início tudo era brincadeira, mas um não gostou e o outro não parava de tirar fotos dele, e ele partiu para a agressão física mesmo, dentro da sala de aula.

A maior dificuldade, para mim, é que geralmente eles são bem maiores que eu fisicamente, então geralmente o dobro da minha altura, e eu falo mais baixo que eles. Eu sinto muita dificuldade na sala de aula, em relação a isso, mas os próprios alunos, eles se movimentam e vão se acalmando, “A professora tá aqui, vamos ficar quieto”. Mas há dificuldade na própria estrutura da escola, às vezes a gente leva para coordenação e demora em os pais virem à escola, tem uma morosidade muito grande, quando os pais vêm aquilo não tem sentido mais.

E os pais falam “Ah, mais isso aconteceu mês passado”, e eu falo “É! Se o senhor tivesse vindo no dia, faria sentido, hoje não faz sentido nenhum”. Então, a gente acaba não levando nada para coordenação. Só quando é grave mesmo, que um derruba o outro no chão e bate soco. Mas normalmente resolve na sala mesmo, registra no caderno de registro para quando o pai vir. E lá está uma folha inteira de registros do menino, e é nesse sentido que eu sinto dificuldade, dos pais não terem interesse em resolver as dificuldades.

Eu já sofri violência por causa da minha opção religiosa (espírita) e quando eu estava grávida, no primeiro ano que eu entrei aqui, eu pedi para o aluno sentar “Senta, fulano”, e eu dando minha aula “Senta, fulano”, mas ele pegou a carteira e foi para jogar em cima de mim, a cadeira dele. O outro aluno que estava na minha frente levantou correndo, segurou o colega e falou “Cê é louco? Cê vai matar a professora, ela tá grávida!”. Foi o momento mais grave que eu já passei em sala de aula com aluno. A partir daí eu mudei minha postura.

Eu estava de 8 para 9 meses de gestação, ele nasceu em agosto, isso foi no início de agosto, meu filho nasceu no dia 12 de agosto. Não pedi licença nem nada quando isso aconteceu e continuei trabalhando, porque os alunos interviam, os alunos seguraram, não deixaram jogar a cadeira em mim. E não teve nenhum, assim, acesso de loucura, nem da minha parte, nem dos alunos, eu só pedi que eles se sentassem. Então foi uma situação grave, a partir daquele momento eu não falo mais com aluno.

Eu vou pedir uma vez, se ele não sentar, ele continua andando pela sala de aula e os outros alunos reclamam “Ô, professora, a senhora não vai fazer nada? Esse aluno não senta”. Eu respondo que já pedi, pedi com educação, vai da consciência dele sentar ou não. Então, eles mesmos pedem “Senta aí, rapaz, você tá atrapalhando, para de andar”.

Com a inserção da mídia, quando eles não estão com vontade de assistir aula, eles ligam o fone de ouvido no celular e ficam lá na carteira. Então esses casos de agressão também diminuíram muito, porque eu adotei essa postura de passividade. Eles agora perguntam “Posso usar o fone?” e eu respondo que é para usar de um lado e o outro é para deixar livre para caso alguém chamar ou acontecer alguma coisa. Eles colocam o fone e ficam lá curtindo a música deles, então diminuiu muito o atrito deles em sala de aula.

Nesses quatro anos que eu trabalho aqui, no início era um público muito mais agressivo, vendiam e usavam drogas na escola. Eu trabalho no matutino, eles chegavam bêbados e alcoolizados, eles traziam bebida dentro da mochila e as agressões eram muito mais rotineiras. Hoje não, o público é diferente, eles fumam, usam droga, tem acesso ao álcool, mas não trazem para sala de aula porque agora eles fumam o baseado deles antes de entrarem para escola. O diretor começou a fazer muito, colocou as câmeras, começou a pegar os meninos e as meninas indo para o fundo da escola fumar e começou a tirar esses alunos da escola. Melhorou muito.

Esses dias uma aluna foi assaltada, os alunos estavam muito tensos e começou um que defendia o assaltante e o outro defendia a aluna. Então, alguns falavam “Ah, o assaltante aproveitou que ela tava dormindo com o celular no bolso, ele fez o trabalho dele, né?!”. Mas ela sofreu uma violência, apanhou no rosto, o assaltante bateu nela para levar o celular e eu vou conversando com eles, mas de maneira informal, porque eu nunca fiz nenhum projeto para trabalhar esse assunto de violência diretamente.

Aqui na escola tem o projeto sobre a paz, da professora de Literatura, e então usamos estes momentos para falar que eles estão estudando sobre a paz, músicas, vídeos, filmes, poesias. Esse assalto foi na esquina da escola antes das 7h, ela estava vindo para a escola e é muito comum isso, vários alunos foram assaltados. Os alunos usam celulares grandes e colocam no bolso detrás da calça, os assaltantes puxam, só que essa aluna estava ouvindo o fone, enroscou e ele bateu nela para poder tirar o fone e ela chegou com a marca da mão do assaltante no rosto inchado. É bastante comum. No outro dia, os alunos sabiam onde estava o celular dela, porque era na boca de fumo do tio de um deles, sabiam até que na boca de fumo estavam vendendo por R\$50,00 e o celular custa mais de R\$2 mil e ela ainda está pagando as prestações.

A família normalmente é ausente quando o assunto é violência. Geralmente a família está envolvida na violência e quando eles partem para a briga, mesmo na rua, já é um caso familiar, às vezes é até briga por causa de boca de fumo, um dos parentes é usuário de droga e tem dívidas na boca de fumo ou então é um caso de amor como, por exemplo, a menina que namora o pai de

outra menina, ou o menino que está interessado em uma menina que namora outro. E quando a gente chama a família, ela vem vários dias depois e percebemos que o filho é o menor dos problemas, porque a família está muito mais envolvida na violência ou então o pai não vem e vem uma avó porque o pai está preso ou foi assassinado e o próprio menino que agora está controlando a boca de fumo, que é o comandante ou ele que assumiu os assaltos, agora é ele que comanda a empresa do crime, que era comandada pelo pai.

Para a família, a violência é normal, tem algumas que até veem com orgulho a violência, porque o filho bateu, se posicionou diante do professor, gritou com o professor, então o filho é valente. E muitos alunos não têm família, vive sozinha, mora com o tio, mora na casa do amigo. Tem uma dificuldade muito grande em relação à família. Quando a gente entregava o boletim nas mãos da família, dificilmente conhecíamos o pai e a mãe, sempre vinha uma vizinha, uma tia que se apresentava, mas a gente via que não tinha nada a ver com o aluno, ou então chegava e falava que veio pegar o boletim e nem sabia o nome do aluno.

A família é muito ausente, tem que trabalhar só com o adolescente, não dá para contar com a família. Quando acontece uma situação muito grave na sala de aula e eu não consigo controlar, vou até a coordenadora e relato o que aconteceu, e ela chama o aluno, conversa com ele e faz anotação, o professor assina e ela chama a família. Tem pai que vem no outro dia, outros uma ou duas semanas depois.

Esses dias precisavam conversar com a mãe de uma aluna e tiveram que ir buscar a mãe em casa porque ela se recusava a vir. O problema dessa aluna é que ela é usuária de drogas pesadas, ela se mutila e fica postando nas redes sociais ela toda cortada e ela tem um talento musical muito grande, mas está sendo afastada porque ela não consegue controlar esse vício. Todos os professores ficam horrorizados, ela corta as pernas, os braços, está bem abatida o tempo todo. Que eles fumam antes de entrar a gente já sabia, mas provavelmente ela está usando crack bem forte e está entrando num estado depressivo e está se afundando cada vez mais.

Corriqueiramente, chama-se a mãe, mas, como a mãe não quis vir, teve que ir buscar ela em casa para poder vir aqui e ficar sabendo o que está acontecendo com a filha dela. E a gente viu o porquê que a menina está nesse estado, a mãe se recusa a ajudar porque ela também está se afundando no vício lá. Essa aluna é muito gentil com os professores, não é agressiva, o que ela faz é chegar as 7h e dormir até as 11h na sala de aula. Esses dias ela falou que ia casar, que estava muito feliz, ela é do 2º ano, tem 16 anos, casar talvez fosse a salvação se o namorado não fosse igual a ela, usa drogas e se corta. Ela acha legal o que ela faz e os amigos curtem as fotos

nas redes sociais, acha superinteressante e vai motivando ela. As pessoas que são contra, ela deleta da vida dela.

É muito difícil combater a violência porque eles têm muita informação, eles sabem o que usar drogas, o que brigar e vir armado para a escola vai causar. Eles sabem tudo, as leis, o que vai acontecer com eles, porque já tiveram tantas palestras, tantas informações com policiais, promotor público, justiça. A única alternativa que eu penso que daria certo é uma ação na família, porque mal ou bem eles vêm para a escola, de cinco dias letivos na semana, eles vêm três. Eles estão recebendo informações, eles não conseguem, porque quando voltam para a casa, a família está desestruturada, a mãe está presa ou foi morta ou é o pai, ou a mãe sai as 5h da manhã e só volta à noite e não sabe o que acontece com o filho o dia inteiro. É na família que a assistência social tem que agir, porque a escola não tem mais alternativa, o que ela pode fazer, ela faz.

Normalmente, também, os alunos trazem os casos de violência e abusos e a escola tem que resolver. Se está ocorrendo muito estupro aqui no bairro e aconteceu com uma aluna ou com a irmã dela, ela conta para o professor que ela mais confia. Essas coisas a gente escuta muito em sala de aula, elas contam que foram abusadas pelos padrastos e os meninos também são violentados de todas as maneiras possíveis pelos pais, padrastos ou madrastas. Eles sofrem violências de todas as formas e contam. Tem aquele aluno que é agitado e quer falar o tempo inteiro e tem aquele que se fecha, que gagueja, não consegue falar e vão vários meses para ele conseguir falar que sofreu uma violência ou viu o pai ou o padrasto fazendo isso.

Como eu moro aqui no bairro agora, eu vejo que a realidade é totalmente diferente dos outros lugares. Eu pergunto para os alunos o que eles fazem à tarde, no sábado e no domingo, eles respondem que dormem, porque aqui no bairro não existem parques ou praças e tem muitos grupos que se juntam e querem andar de skate, mas muitas ruas nem têm calçada, nem asfalto ou vão soltar pipa no meio da rua, driblando os carros e os ônibus. Então as alternativas da grande maioria é beber, usar drogas, assaltar, porque ficam perambulando pelas ruas e o mundo do crime é mais atrativo e os outros poucos vão para a igreja.

No dia a dia você tem que criar alternativas para lidar com a violência, porque eu nunca fiz nenhum curso pela Secretaria de Educação, sobre como lidar com um menino que vem armado para escola, por exemplo. Mas eu acredito que dá para viver num mundo sem violência, sim. Eu penso que, se a gente valorizar a família, orientar esses jovens, porque eles têm vontade de ser melhores, porque se não eles não vinham para a escola. Eu percebo que muitos vêm para a escola para não ficar sozinhos em casa, eles podiam ficar lá, mas eles confiam na escola, querem ser

acolhidos, conversar, ter perspectivas, porque eles nem sabem o que vão fazer depois que terminarem o ensino médio e perguntam o que eles podem fazer.

Tinha um aluno que é muito inteligente na área da robótica e ele não suportava a rotina da escola, porque, para ele, tudo era maçante demais, e ele já desistia no primeiro bimestre. Ele fez o curso que acelera o ensino médio e agora está na faculdade fazendo engenharia mecânica, ele é um exemplo, porque a mãe trabalha o dia todo e não acompanha, o pai mora no assentamento sem-terra, ele é um microempresário, faz sanduíche na chapa e desde os 15 anos ele comprou o lugar que ele trabalhava e já emprega também, é claro que é tudo ilegal, mas ele está na Universidade hoje porque ele quis. Eles querem mudar, mas faltam oportunidades diferentes. É uma minoria que quer ser bandido como o pai, mas a ideia que se tem quando eles falam que moram aqui no bairro é isso, e eles não conseguem emprego porque acham que eles vão roubar os sapatos da loja.

Eu penso que a sociedade cobra muito da escola pública e fala que a escola pública é ruim, mas quando a gente está aqui dentro a gente vê o tanto que se trabalha. Tem que valorizar a escola e parar de falar que a educação pública é ruim, eu já trabalhei em escola particular e em escola pública na mesma época, e eu não era uma professora diferente em cada uma, era a mesma professora com alunos diferentes. A escola pública não tem o mesmo recurso porque os pais não pagam, mas ela tem a mesma capacidade. A gente tem que valorizar o que tem. Eu penso que demora um pouco, até o final da minha carreira eu não vejo muita perspectiva de mudança.

*“Eu já sofri violência, mas por incrível que pareça não foi de aluno, foi de uma colega de trabalho em uma rede social, eu me senti ofendida e pedi providências da escola, foi uma decepção. Eu sofri muito porque eu nunca tinha sido vítima, ainda mais de alguém do trabalho. Eu fiquei vários dias sem dormir. Eu senti na pele. E a partir daí, eu vi que precisava trabalhar alguma coisa sobre violência”.*

## **PROFESSORA DE LITERATURA<sup>7</sup>**

As formas de violência mais comuns que acontecem no dia a dia em sala de aula e na escola é agressão verbal, a prática do *bullying*, denegrir a imagem do outro, e é algo que a gente tenta combater, já diminuiu, mas ainda existe. E não tem uma razão, são coisas mínimas, um esbarrou na carteira, esqueceu-se de devolver a caneta, eles são 8 ou 80, coisas pequenas que daria para ter o equilíbrio, mas não tem. Na verdade, eu acho que esta violência está ligada a essa mudança da sociedade dos valores, hoje não se faz mais leitura desde criança, é só celular, a leitura da escola é um castigo para eles. Eles estão na era da informática, da tecnologia, só que eles não sabem usar essa tecnologia para o bem, eles usam para as redes sociais, para conversar, mas não para canalizar para que eles possam aprender ou pesquisar. Então eu acho que está muito ligado a essa falta de valores mesmo.

Hoje mesmo eu acabei de ver um aluno usar um termo ao colega professor e a minha atitude foi de tirar esse aluno da sala, conversar e levar ele para se desculpar com o professor, porque parece pequeno, mas não é, porque, se deixar passar, vai virar uma violência maior, porque o aluno vai achar que é normal. O combate à violência tem que ser das pequenas coisas que você vê acontecer. Mas eu acho que as violências aqui são mais aluno com aluno, com professor é mais difícil acontecer, hoje eu vi que o aluno fez um apelido maldoso com o professor, ele não gostou, mas não houve um atrito maior.

Os adolescentes mudam constantemente e o professor tem que saber lidar com isso, porque num dia esse aluno está bem e no outro não, tem a questão da família, porque, se ele chega à escola com algum problema, qualquer coisa para ele é a gota d'água. E o professor tem que saber naquele momento também agir, porque, dependendo da postura que você tomar, a situação pode piorar. Talvez naquele momento seja melhor tirar o aluno da sala, chamar pra

---

<sup>7</sup> A professora de Literatura trabalha há 10 anos nesta escola com uma carga horária de 20h semanais. A faixa etária é entre 40 a 49 anos de idade. Possui graduação em Português/Inglês e as respectivas Literaturas e pós-graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa. A professora se emocionou durante a entrevista quando contou o motivo do projeto.

conversar, porque, se for discutir com ele, pode piorar ou não esperar e já chamar o aluno para conversar, e num outro momento, quando ele estiver mais calmo, investigar o que está acontecendo.

Muitas vezes, na hora que acontece uma violência, o professor também tem inúmeras coisas para fazer e tem que administrar um assunto, ele não pode permitir um aluno ficar atrapalhando, então tem que ter uma atitude enérgica, de postura para que os outros vejam que precisa ter certo respeito, então corrige na frente de todo mundo e depois chama o aluno para uma conversa. E você descobre o motivo dessa violência, porque ela não nasce aqui e, se você não souber, não vai ajudar o aluno.

A violência que surge vem de fora e acaba refletindo aqui dentro, porque ela está muito relacionada à questão da desigualdade social, nossos alunos têm pai preso, muitas vezes não sabe quem é o pai ou o pai é traficante, então muitos desses alunos são vítimas dessa violência, desse abandono pela falta de estrutura familiar, porque muitas vezes, quando a gente chama, por exemplo, uma mãe para reclamar da roupa curta da aluna, a mãe vem com uma pior. Então não tem como cobrar deles algo que eles não têm em casa. E a família é muito ausente, muitas crianças presenciam a violência em casa, tanto que muitos alunos têm/ ou já tiveram algum membro da família preso.

E nós temos que passar para eles não só os conteúdos, mas os valores que acabam ultrapassando seu limite, da sua disciplina, porque tem que trabalhar outros valores, ética, cidadania, moral, que era para vir de casa. Então, quando acontece uma situação de violência, eu tento aproveitar o acontecido para conscientizar que a violência só gera violência. Trabalho valores, pois eles precisam de ajuda e transferir o problema para outra escola não é a solução. E é o que eu vejo acontecer, transferir o aluno, mas isso não vai resolver o problema, então tem que tentar descobrir a fonte e fazer um trabalho com isso. A escola não tem um psicólogo, um fonoaudiólogo e as escolas deveriam ter, porque acontecem problemas que naquele momento não tem a quem recorrer. Então o professor tem que ser professor, fazer o papel de pai e mãe, ser o psicólogo, o fonoaudiólogo, tem que ser tudo, mas ele é humano e tem horas que ele não consegue dar conta e foge do controle dele.

Eu não sofri nenhum tipo de violência por parte dos alunos. Eles sempre tiveram muito respeito comigo, trato-os como quero que a minha filha seja tratada por sua professora. Mas já aconteceu de uma maneira geral, por exemplo, pouco antes de eu vir trabalhar aqui, numa festa que teve um aluno deu um tiro no outro dentro da sala de aula e este acabou morrendo. Agora, eu

já trabalhando aqui, nós tivemos casos de tiros na saída da escola, e o interessante é que temos um posto policial bem ao lado da escola e o gestor foi pedir ajuda no posto policial e eles simplesmente fecharam a porta e não atenderam. É como se estivéssemos em um deserto, isolado do mundo, em uma escola onde não há asfalto, não há um ônibus que passa em frente à escola, e não é falta de pedir, porque eu mesma já fui pessoalmente até a Câmara dos Vereadores pedir tanto a iluminação quanto o asfalto, porque nós temos alunos cadeirantes, mas até hoje não tivemos nenhum respaldo sobre isso.

Então a violência que nós vemos aqui é muito própria desse descaso com a comunidade. O único ambiente que os alunos têm no bairro para frequentar, ter lazer é a escola, porque eles não veem a escola só como ambiente de aprendizagem.

Eu já sofri violência, mas por incrível que pareça não foi de aluno, foi de uma colega de trabalho em rede social, eu me senti ofendida e pedi providências da escola. Mas, ao invés de chamar para corrigir, houve uma superproteção, porque houve aquela questão de que é meu amigo. Foi uma decepção, eu sofri muito, porque eu nunca tinha sido vítima, ainda mais de alguém do trabalho. Eu fiquei vários dias sem dormir. Se eu que passei por isso fiquei assim, imagine uma criança, outra pessoa, eu senti na pele. E foi a partir daí que eu pensei que tinha que trabalhar com alguma coisa relacionada à violência e nasceu o projeto Educação para a Paz na Escola, então eu sempre falo para eles que a gente tem que transformar uma coisa ruim numa coisa boa. E hoje esse trabalho envolveu a escola, já tem a publicação, tem três livros e eu acabei ajudando outras pessoas.

Poucas pessoas sabem disso, mas o projeto nasceu de uma violência que eu sofri e eu quis fazer o projeto com os alunos porque eu vi a necessidade de trabalhar essa questão. Eu comecei a trabalhar com a literatura, depois com a produção de poesias, a estrutura do soneto. Lançamos o primeiro livro, em 2012, falando sobre a violência na escola, o *bullying*, o preconceito. Fizemos a produção de vídeo também e a caminhada no bairro. A embaixadora da paz aqui do Estado gostou muito do livro e mandou para o Egito para participar de um concurso pela paz mundial, ele está registrado no livro de ouro americano e hoje eu agradeço por ter passado por isso.

No outro ano, a gente diversificou para falar do meio ambiente, porque você vê aqui na sala que eles comeram ponkan e jogaram a casca no chão, e não deveria ter isso aqui. Tem que ser um trabalho de todos da escola, um trabalho conjunto, você olha nas salas e vê janelas quebradas, então o trabalho efetivo não funciona, porque precisa ter uma equipe toda trabalhando,

não é só o aluno. Então, o meio encontrado dentro da minha área, Literatura, para trabalhar a violência foi criar um projeto para a conscientização e promoção da paz. Os alunos escreveram poesias sobre violência na escola (1ª coletânea), violência com o meio ambiente (2ª coletânea) e a 3ª em andamento, violência contra a mulher. Transformar alunos leitores em escritores refletindo a violência em seu entorno foi muito difícil, mas gratificante, a conscientização surgiu naturalmente com a mudança de comportamento.

Uma das dificuldades que eu encontro para lidar com violência é a falta de apoio pedagógico. A maior dificuldade em desenvolver o projeto é o financeiro e a parte burocrática, porque você fazer o seu trabalho normal, de professor, não é fácil, porque você já leva muito trabalho para casa e ainda tinha o do projeto, e eu era cobrada além do projeto, pelas outras burocracias e não tinha nada de falar “Calma, a gente espera porque você está fazendo outro trabalho”. Era muita cobrança, não era “Aonde eu posso te ajudar”. E ainda tem as pessoas que olham e perguntam o porquê, se não vou ganhar nada a mais, então as pessoas têm que mudar essa mentalidade de que tudo gira em torno financeiro. Deveria ter uma valorização profissional daquele que desenvolve projetos, um estímulo mesmo, como acontece em outros Estados, mas aqui não tem isso.

Nós estamos trabalhando a violência contra a mulher, desde o ano passado. Mas agora uma colega que me ajuda está de licença porque o marido suicidou, então eu tenho que dar conta de tudo, isso não tira o sonho de fazer as coisas, levar o melhor para o aluno, mas é complicado, muito complicado.

E por causa do projeto, a gente vê que muitos desses alunos também já sofrem violência em casa, o último projeto nosso, que foi da violência contra a mulher, fazendo os debates em sala, mexeu muito comigo e com a outra professora, de ouvir as histórias, de eles contarem espontaneamente pelo fato de alguém estar falando sobre aquilo, porque, para eles, essas violências que acontecem dentro de casa, eles achavam que era normal, não sabiam que era violência, tipo a violência contra a mulher, por exemplo.

E fomos descobrindo casos de estupro, tem uma aluna que foi violentada pelo tio e tem uma filha de quatro anos e nós descobrimos durante o projeto, uma aluna de outra sala que o próprio avô aliciava, tem aluno que o pai agride a mãe, então eles veem essa violência acontecendo em casa, seja ela fruto da dificuldade financeira, pela falta de estrutura do próprio pai, que não tinha uma estrutura familiar e constituiu uma família e reproduziu isso pra ele.

E a nossa preocupação é que esse adolescente não faça com a vida dele o mesmo que o pai fez e reproduzir a violência. Se não nós estamos caminhando para que tipo de sociedade? Que sociedade que a minha filha vai conviver? Porque às vezes os nossos filhos, que nós educamos com o maior cuidado, é vítima da violência de outra criança que não teve estrutura e vai para a criminalidade, para as drogas e, muitas vezes, quando nós julgamos como bandidos, a gente não sabe o que há por trás daquele bandido que a gente caracteriza assim.

A falta de carinho, de amor dentro de casa, o convívio, nós temos uma aluna que canta para a escola, ganhou o projeto de melhor música envolvendo todas as escolas do Estado, ela deixou a escola essa semana e, ontem, eu conversando com ela, ela me disse que não sabia o que era amor de mãe porque a mãe nunca a tratou com amor, e essa menina já está grávida e o namorado dela também não tem estrutura. Ela não procura alguém que pode acrescentar, mas destruir a vida dela, porque são dois adolescentes problemáticos, usuários de drogas pesadas que vão morar juntos e já tem um filho encaminhado.

Outra coisa que eu acho importante é que na escola temos verbas que são destinadas a determinados setores, como a alimentação, e os alunos que vêm para a escola, principalmente os nossos alunos de periferia, que infelizmente a nossa realidade é muito diferente de outras escolas, chegam aqui e a merenda é uma das fontes da alimentação deles, eles não têm dentro de casa e, se isso não for fornecido, esse aluno não vai conseguir estudar. Ainda tem o calor, nós estamos aqui dentro da sala de aula que tem quatro ventiladores, mas só dois funcionam, é quente e abafada, e na sala do lado só tem um ventilador funcionando, então os alunos ficam hiperativos. Então é falta de estrutura mesmo da escola. A educação tem que ser prioridade.

A merenda poderia melhorar, a gente sabe que tem um valor que é destinado para cada criança que é R\$0,35, é muito pouco, e só se for para criança da educação especial que esse valor é maior. Porém, tem que ter uma fiscalização maior, por exemplo, o dia que os alunos saem mais cedo ou é entrega de notas, essa alimentação não acontece, ou quando acontece é uma bolacha seca é triste falar isso, mas é a realidade que passamos aqui. Os alunos já são carentes, e negar o direito básico, que é dinheiro dos nossos impostos, é uma forma de violência. Não é só aquela agressão física que é violência, porque, a partir do momento que está se negando a alimentação, que é direito dele, é uma forma de violência também. Se eu quero um aluno com qualidade, eu preciso priorizar algumas coisas, porque não adianta cobrar dele se eu deixo a desejar o básico, que é direito garantido pela lei.

Então, essas violências que nós temos, ela também é fruto dessa violência que vem de casa, da violência do poder público, do poder que se omite de fornecer os direitos básicos. Eu me questiono muito uma escola, num calor desses que faz aqui, e você vai à Assembleia Legislativa, no Tribunal de Justiça, na Câmara de Vereadores onde tem água, café, suco, e na escola eu não tenho nenhum copo para pegar água pra te oferecer, porque cada um traz o seu copo de casa. A educação é deixada para depois, mas as verbas existem, então deveria ser prioridade, tem muito para ser feito e tem dinheiro para ser feito para melhorar. Não tem como esperar pela família, o poder público pode fazer alguma coisa sim, nós podemos ter educação de qualidade, fazer projetos na escola para resgatar essas crianças.

Eu vejo que o preconceito, drogas, falta de estrutura familiar, omissão do poder público e negligência da escola que não tomou providências logo no início, são situações que geram a violência na escola. A Secretaria Estadual de Educação é “só pra inglês ver e cumprir tabela”, estão apenas preocupados com índices de desempenho. Nunca participei de nenhuma formação com esta temática direcionada pela secretária de educação, só fui a uma audiência sobre violência a convite da Câmara de Vereadores e Assembleia Legislativa, inclusive levei os meus alunos.

Para mim, a alternativa mais propícia para a prevenção da violência é discutir o tema em sala, desenvolver projetos e ações para a conscientização, resgatar a autoestima dessas crianças, que muitas vezes não têm nem o que comer em casa e a escola acaba sendo o único espaço do bairro para a socialização. Quando o caso persiste e já se esgotou todas as tentativas possíveis, deve ser encaminhado à Promotoria, o que quase não ocorre porque os gestores não querem ter problema, e o resultado é o índice alarmante de professores doentes ou de licença médica.

Viver num mundo sem violência é, com certeza, um sonho possível. Para isso acontecer, temos que resgatar o valor da família na sociedade, infelizmente a sua total desestrutura é o principal fator para o comportamento agressivo das crianças. Além disso, a educação precisa criar mecanismos para valorizar os talentos da escola, fazer com que a criança se sinta importante na sociedade, os valores como a gentileza, a solidariedade, o amor ao próximo precisam ser trabalhados. Hoje, com a era da tecnologia, os jovens estão cada dia mais egoístas e deixando o diálogo em casa de lado devido à utilização das redes sociais.

Eu acredito num mundo sem violência, porque, se você pedir para os nossos alunos fazer uma apresentação com música, nem precisa nem pedir que tipo de música, vai ter músicas mais sensuais, mas você vai ouvir muitas músicas gospel, porque essas crianças são carentes e você percebe que quando você fala de Deus, eles têm fé, eles acreditam. Eles estão nessa fase que

não sabem de onde vieram e nem para onde vão, mas dá, sim, para resgatar, dá para a gente formar, porque às vezes a gente dá uma bronca e eles mudam o olhar. Eu acredito numa escola, numa sociedade sem violência, mas precisa do poder público, dos nossos governantes fazerem alguma coisa e na própria família precisa ser feita alguma coisa.

Essas violências todas que eles sofrem influenciam totalmente nas notas dos alunos, no rendimento, no abandono escolar. Nós temos um índice elevado de alunos que deixaram a escola para trabalhar ou para nada. Tem um aluno da outra sala que ficou um mês sem vir, é um excelente aluno, mas não vinha. Às vezes também, e não é só o caso dessa escola, mas há muito medo de comunicar o Conselho Tutelar, a Promotoria, chamar a família para essa responsabilidade para evitar problemas. Quem tem filhos dentro de casa, tem que colocar limites, não é bater, porque hoje não se educa dessa forma, tem que ter o tempo para sentar, conversar e muitas vezes os pais tem que cortar alguns privilégios e ele saber que tem algumas responsabilidades dentro de casa. A educação no geral precisa ter uma reorganização, e eu não sei dizer se tem que começar debaixo ou de cima, mas precisa ter uma mudança e combater essa corrupção que existe dentro da educação, dinheiro ser aplicado aonde deve ser aplicado, ser fiscalizado e valorizar realmente quem trabalha fazendo pela escola.

Quando eu falo que trabalho nesse bairro para outros professores, os colegas falam que estou louca de trabalhar nesse ambiente, mas a realidade dentro da escola é outra. Aqui você precisa tratar bem os alunos, dar dignidade para eles. Se tratar eles bem e com os direitos básicos que é a alimentação, eles vão te devolver isso em forma de respeito também, mas infelizmente isso falta aqui para eles.

## **REDE III**

- A Nycoly
- A Kananda
- O Peter
- A Barbara
- A Scarlett
- O Harry
- O Scot
- A Annabeth
- A Isabelly

*“Minha mãe apanhou do meu padrasto, ele quase a matou”.*

## **NYCOLY<sup>8</sup>**

Eu tenho 16 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe, meu irmão e meu padrasto. Eu gosto de sair, amo meus amigos e não gosto de matemática porque é muito difícil. Não faço parte de nenhum outro projeto na escola, mas eu quis participar deste para saber mais sobre a violência em Campo Grande.

Eu não me lembro de muito da minha infância, mas foi boa, mas eu não me lembro muito. Eu lembro que eu era muito arteira, muito rueira também, eu brincava o dia todo na rua e viajava também, e eu gostava. Mas, quando eu tinha sete anos, meus pais se separaram. Foi normal, porque mesmo ele não morando com a minha mãe, eu sempre convivi com ele e todo o final de semana eu ia pra casa dele, então foi normal.

Mas a minha mãe apanhou do meu padrasto, ele quase a matou. Ela foi à polícia e falou, e eles ainda estão em processo, ainda. Ele não foi preso porque ele tava bêbado, então não ficou preso, e hoje ele é amigo da minha mãe, até hoje ele pede desculpas para ela. Mas a minha mãe é muito agressiva, muito. Ela bebe e fica muito agressiva, ele sempre corria porque ela tacava muita coisa nele, ele tem uma cicatriz porque ela tacou um bule nele e rachou. Então eu acho que ele fez isso com ela mais de raiva mesmo. Eles se separaram depois disso, mas ainda são amigos. Minha mãe não tem mágoa, mas ele tem que responder o processo, semana passada mesmo ele foi lá.

Ela, quando tá assim, eu falo agressiva num modo de não ter paciência, mas comigo e meus irmãos ela tem. Mas o meu padrasto era bruto, aí ela não tinha paciência com ele. Mas ela nunca bateu na gente, não bate.

A adolescência tá indo, não sei explicar, mas tá bom, mas podia ser melhor, podia ser muito melhor. Mas agora eu vou começar a trabalhar e vai melhorar algumas coisas. Eu sonho pro meu futuro em fazer duas faculdades de Letras e de Biologia, é o sonho que eu tenho, mas eu nem levo a sério, é normal.

Eles falam que eu sou muito grandona, eu nunca falo pra ninguém sobre isso, só pra minha mãe, mas ela fala pra eu não ligar, que é brincadeira, eu não levo a sério. Agora, quando

---

<sup>8</sup> Nome fictício escolhido pela aluna.

eu vejo que eles tão falando sério, isso me magoa, muito, magoa muito. Mas eu nunca falei pra ninguém, não.

Aqui na escola eu já ouvi de violência, foi de uma menina que tava grávida e o namorado dela veio aqui, chamou no portão, eles discutiram, brigaram e ele deu um chute na barriga dela e ela perdeu o filho. Foi aqui na escola.

Eu acredito num mundo sem violência, mas eu acho muito difícil, porque o mundo tá muito violento, muito mesmo. O meu bairro não é violento, mas o do lado é, é muito violento mesmo. Eu acho que as pessoas precisavam ter mais paciência.

*“Aqui no bairro tinha um bar na frente de casa que era briga constante, briga feia mesmo, chegava à polícia e batia em todo mundo e a gente tinha que deitar no chão porque tinha muito tiroteio”.*

## **KANANDA<sup>9</sup>**

Eu tenho 19 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro com meu pai e minha madrasta. Eu gosto de ler, assistir televisão e eu amo estudar. Não participo de outro projeto na escola, eu quis participar deste para saber mais sobre a violência.

Eu lembro que a minha infância foi muito boa com a minha mãe e meu pai sempre perto de mim e meu irmão também. A gente saía muito, minha mãe levava a gente pra passear e meu pai tava sempre quando ele podia, porque tinha que trabalhar, mas sempre saiu com a gente. Na minha infância, o que eu mais gostei mesmo foi ter a família toda reunida. Mas quando eu penso na minha infância, a imagem que vem é na época que ia eu, meu pai, minha mãe e meu irmão pra igreja. Eu sempre gostei da minha igreja, desde pequena minha mãe sempre levava aos domingos de manhã e isso marcou bastante pra mim. Então minha infância era só ir à igreja, na casa da família e de alguns amigos que eu ainda tenho e faço questão de manter, de ir à casa deles e conversar. Eu não saio muito, estou sempre em casa.

Na minha adolescência, o fato que mais me marcou foi quando a gente viajou para o interior de São Paulo e eu me perdi, fiquei desesperada, mas logo me acharam. Mas depois, quando eu tinha 12 anos, minha mãe faleceu, ela ficou doente. Eu sinto muita falta dela, muita saudade mesmo. Eu continuo morando com o pai e a minha madrasta, atualmente, mas o meu irmão foi ficar um tempo na casa da minha irmã e acabou ficando morando lá, mas é aqui em Campo Grande mesmo.

Eu tenho planos para o futuro que é terminar os meus estudos, primeiramente e eu tenho um sonho que é entrar no mundo artístico, não sei se vou mudar, ser modelo, atriz. Eu pensei em fazer faculdade de Designer, desenho. Mas agora eu não sei. Futuramente, eu pretendo fazer essa faculdade ou de cinema, que é o que eu mais gosto.

Eu nunca sofri violência e nunca presenciei uma na minha vida desde criança na escola, nunca. Mas eu já vi na rua, depois da aula alunos puxando briga com outro, mas nada muito forte, não. Na verdade, teve uma época que tinha uma menina na minha sala que tinha 10 anos e falava

---

<sup>9</sup> Nome fictício escolhido pela aluna.

que ela não era mais virgem, eu achei um absurdo com essa idade não ser mais virgem, e ela também confirmava, mas aí falaram que o padrasto mexia com ela, era por isso. Faz tempo, mas foi uma violência que eu fiquei muito impressionada. No meu bairro tinha um bar na frente de casa que era briga constante, briga feia mesmo e chegava a polícia e batia em todo mundo, a gente tinha que deitar no chão porque tinha muito tiroteio. Graças a Deus, agora esse bar fechou. Ainda tem uns que bebem, ficam gritando e brigando na rua, mas melhorou.

Eu acredito que com a ajuda de todos dá para acabar com a violência, eu acredito que, se você conversar é melhor que brigar, porque a violência nunca resolve nada. Eu acredito num mundo sem violência. Ao invés de chegar na porrada, tem que sentar, conversar e perguntar por que aconteceu. Se houvesse mais diálogo e menos briga, existiria um mundo sem violência.

*“Eu já fiquei sabendo de casos de violência na escola, não presenciei, mas choca um pouco naquele momento. A que mais me marcou foi da minha amiga que foi estuprada pelo tio, tem uma filha e ela contou pra gente que a mãe dela falou que ela ia ter a filha, sim”.*

## **PETER**<sup>10</sup>

Eu tenho 18 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe e meu padrasto. Eu, que eu mais gosto de fazer é sair, gosto de ler também e não gosto de bagunça. Eu não participo de outro projeto na escola, mas eu quis participar deste porque é um tema muito importante pra todo mundo.

Eu moro aqui nesse bairro desde que eu nasci, mas meu pai e minha mãe se separaram quando eu tinha seis anos, eu mudei pra outro bairro pra morar com a minha tia por uns cinco anos, depois fomos pra outro bairro e voltamos pra cá para ficar mais perto da minha avó, que já é bem de idade. Eu moro com a minha mãe e meu padrasto. Meu pai me pegava nos finais de semana, mas eu sempre fui mais apegado com a minha mãe. Mas eu nunca presenciei nada de brigas, que eu me lembre.

Eu sempre brinquei bastante na rua, ia à casa dos meus amigos, ficava na rua jogando bola, então eu passei momentos legais aqui. O que me marcou foi as brincadeiras boas. De ruim, eu não me lembro. Mas na adolescência a morte do meu avô marcou bastante, porque eu era muito apegado, foi triste. Isso foi uma coisa muito ruim, ruim mesmo, porque ele ficou doente, com câncer.

Agora eu tenho planos de terminar a escola porque tô meio atrasado, eu reprovei um ano, e depois fazer uma faculdade, e eu penso em fazer ou Medicina, ou Veterinária. Se Deus quiser, vamos ver, não posso reprovar mais.

Eu já fiquei sabendo de casos de violência na escola, mas não presenciei, mas choca um pouco naquele momento. A que mais me marcou foi da minha amiga que foi estuprada pelo tio e tem uma filha, e ela contou pra gente que a mãe dela falou que ela ia ter a filha, sim. O bairro que eu moro, na região que eu moro já foi muito violento, agora não. Eu já vi muita violência no bairro, brigas, tiros.

---

<sup>10</sup> Nome fictício escolhido pelo aluno.

É meio difícil um mundo sem violência, mas eu acredito, tem que acreditar sempre. Precisa de mais diálogo, porque as pessoas já chegam brigando sem perguntar o que aconteceu e resolver com a conversa, infelizmente, não existe.

*“Quando eu sofria essas violências eu até comentava com a minha mãe e com a minha irmã [...] mas era uma coisa não correspondida, elas falavam para deixa pra lá, mas é difícil não ligar, eu era só uma criança, não entendia muito. Aquilo me machucava me machucava muito a falta de importância que davam”.*

## **BARBARA<sup>11</sup>**

Eu tenho 17 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe, meu pai e minha irmã. Eu gosto de tocar violão, ir à igreja, cantar, tomar tereré. Eu gosto dos eventos que a escola envolve os alunos, participo de todos que eu tenho oportunidade e eu quis participar deste também porque eu gosto de interagir.

Eu tive uma infância bem tranquila, por mais que eu convivi no meio de adultos, eu cresci um pouco rápido demais mentalmente, mas minha família foi sempre unida, então eu não tenho nenhum trauma. Quando eu penso na minha infância, a imagem que vem é a escola, brincando na rua, banho de chuva, amigas antigas.

Eu sofri *bullying* na escola, bastante *bullying*, porque eu era muito pequena, tinha o cabelo muito cacheado e também toda criança tem piolho, mas eu sofri muito, porque eu tinha muito piolho, e não é vergonha falar, mas eu também já fui muito agredida com palavras também. Já presenciei violência na minha família, que eu tinha um tio, que já faleceu, ele batia muito na minha tia e no filho dele também e foi algo muito ruim de saber, porque eu amava, amava muito ele. Eu ainda amo, por mais que ele não esteja mais aqui, antes de morrer ele mudou, graças a Deus, ele conseguiu se acertar com a mulher dele, então foi uma coisa que não acabou na violência, teve um final feliz depois.

Quando eu sofria essas violências, eu até comentava com a minha mãe e com a minha irmã, porque eu sempre fui muito grudada com a minha irmã, mas era uma coisa não correspondida, elas falavam para deixar pra lá, mas é difícil não ligar, eu era só uma criança, não entendia muito. Aquilo me machucava, me machucava muito a falta de importância que davam.

Eu já vi diversas violências na escola, brigas o tempo inteiro, ameaças eu ouvi bastante, brigas físicas, de arma, eu já vi e é assustador. Uma vez a gente tava na hora do intervalo e de repente começou uma confusão e juntaram um monte de moleques em um menino só, ele

---

<sup>11</sup> Nome fictício escolhido pela aluna.

apanhou muito e aí ele não foi mais à aula, perdeu a vontade de estudar, porque acha que vai apanhar de novo. É bem complicado. Aqui tem aqueles conflitos verbais na sala de aula, e os meninos da minha sala têm umas brincadeiras de bater, eu acho que são brincadeiras muito violentas, e os professores não conseguem fazer nada, e a gente fica parada, olhando.

Tem um ano que eu tô morando aqui no bairro, numa rua atrás da escola, a gente conhece a fama do bairro, porém a minha rua é muito tranquila. Lá é raro as coisas acontecerem, mas aqui no bairro tem muito assalto, mas graças a Deus eu não fui assaltada ainda, mas dá um certo medo. Eu tenho medo de sair de casa à noite, até estudar aqui à noite é complicado, eu sei que dentro da escola não vai acontecer, mas o problema é fora.

Eu quero fazer uma faculdade, mas eu tô indecisa por coisas totalmente opostas, eu queria muito fazer Jornalismo, mas eu tenho um curso técnico que eu terminei esse ano de Segurança do Trabalho, então eu poderia fazer Engenharia, fazer dois anos de especialização e me tornar engenheira do trabalho. Mas eu tô muito em dúvida, meu coração balança. Eu também quero ter um trabalho, porque eu não gosto de ficar parada, porque trabalho é quando a pessoa quer dinheiro. Eu quero casar, ter filhos, constituir família, ter casa, carro. O padrão da sociedade.

Sabe, eu não acredito num mundo sem violência, porque é da natureza humana, porque às vezes a pessoa pode até ser boa, ter um bom coração, mas em algum momento da vida ela vai praticar uma violência, mesmo sem perceber, porque violência não é só o ato de bater, de xingar, brigar, de agredir alguém. A gente pratica violência com palavras, destruir o patrimônio público também é violência, então sempre vai ser alguma coisa que vai ser violência. Então é meio impossível não existir a violência. Até uma palavra de grosseria é uma violência, até eu sou meio grossa e tenho que me policiar, às vezes eu agrido as pessoas, mas é por ímpeto, quando eu vejo já foi. O ser humano é falho, ele tem os momentos de fraqueza que pode até se arrepender depois, mas não vai deixar de errar por isso.

*“Minha mãe e meu padrasto brigavam bastante, agressão física mesmo [...]*

*Eu nunca sofri nenhum tipo de violência e aqui no meu bairro, porque eu moro aqui perto, eu nunca ouvi ninguém falando de violência não. “Aqui na escola eu já vi, mas não foram violências graves, os meninos brigaram de agressão física, mas só isso mesmo”.*

## **SCARLETT<sup>12</sup>**

Eu tenho 16 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe, meu padrasto e duas irmãs. Eu gosto de ler e assistir televisão. Eu amo meus amigos e meus professores e não tem o que eu não goste na escola. Eu não participo de outro projeto na escola, mas eu quero participar mais dos projetos da escola, esse tema é muito importante.

Eu lembro que quando eu tinha até três anos minha mãe separou do meu pai, saiu da Bahia e foi para São Paulo, e com uns nove anos eu vim pra cá. Aqui eu moro com a minha mãe, minha irmã, e meu pai eu não sei direito, porque cada dia ele fica num lugar, mas ano retrasado ele veio aqui, ficou uns dias e voltou de novo, e de vez em quando, ele liga.

Teve um dia que me deu muito medo, porque minha mãe e meu padrasto brigavam bastante e teve um dia que eles saíram, chegaram em casa e tava os dois bêbados e acabaram brigando, agressão física mesmo, os dois se agrediam. Eu fiquei com muito medo, porque eu tava sozinha, minhas duas irmãs não estavam e eu tive que chamar minha vizinha, ela foi lá e conseguiu separar os dois. Eu fiquei com bastante medo, porque foi bem violenta a briga, meu padrasto perdeu muito sangue, teve que ir para o hospital, porque minha mãe sempre jogava xícara nele e cortou muito. Depois de algumas horas ele ligou, disse que não se lembrava de nada que aconteceu, ele voltou pra casa, eles acabaram fazendo as pazes de novo e nunca mais aconteceu de violência assim lá.

Eu nunca sofri nenhum tipo de violência, e aqui no meu bairro, porque eu moro aqui perto, eu nunca ouvi ninguém falando de violência, não. Aqui na escola, eu já vi, mas não foram violências graves, os meninos brigaram de agressão física, mas só isso mesmo. Agressão verbal acontece bastante, é mais por brincadeira, mas mesmo assim acaba sendo agressão, na minha sala tem muito. É um falando do outro, eu acho que sofrem um pouquinho.

---

12 Nome fictício escolhido pela aluna.

Eu tô achando legal até ser adolescente, mas a minha mãe agora fica mais no meu pé, quando eu era pequena eu não saía, e agora que eu saio, ela implica um pouco mais. Ela tem medo de alguma coisa ruim acontecer comigo ou eu me perder na cidade, ela tem medo, não gosta que eu saia. Então eu fico em casa, aí ela fala pra eu ir à casa das minhas amigas e, quando eu saio, ela já fica bem preocupada e toda hora me ligando.

Eu já pensei em me formar em Medicina, mas eu desisti porque vê muita coisa e eu acho que não conseguiria não, então eu desisti. Agora eu tô mais pensando em Biologia e Direito, acho que vou fazer um dos dois mesmo.

É difícil um mundo sem violência, mas eu acredito, sim, que é possível. Eu acho que a violência é por causa de ciúmes, então, quanto mais ciúmes, mais chances de ter violência.

*“Eu nunca briguei na escola, mas onde eu estudei teve um professor que foi esfaqueado nas costas por um aluno, foi um caso sério de violência porque podia levar a morte [...] Aqui no bairro eu já presenciei morte do cara atirar e a pessoa cair morta, mas não posso falar aonde. Eu fiquei umas duas semanas sem dormir direito”.*

## **HARRY**<sup>13</sup>

Eu tenho 16 anos, estou no 3º ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe e a minha prima. Eu gosto de jogar futebol, vídeo game, tocar violão e ir à igreja. Eu amo meus colegas da escola, porque aprendo com eles a cada dia, mas não gosto das aulas de Português, porque são muito entediadas, mas é necessário estudar, então eu estudo. Aqui na escola eu participo do treinamento de futsal, da banda da escola e quis participar deste projeto para acabar com a violência do meu bairro, onde as situações são bem ruins e também para mostrar para a sociedade que tem que combater essa violência.

Minha infância foi muito boa, porque eu brinquei muito na rua, eu acho até que eu brinquei de todas as brincadeiras que tem. Eu aproveitei muito a minha infância, não trocaria por nada. Foi um dos melhores momentos da minha vida. A imagem que vem quando eu penso na minha infância é de uma criança muito feliz, sem preocupação.

Teve muita briga de menino contra menino, de gurizada, um tá soltando pipa e o outro pega a pipa e já começa uma discussão, mas nada grave de machucar, só entre a gente mesmo. Eu nunca briguei na escola, mas onde eu estudei teve um professor que foi esfaqueado nas costas por um aluno, foi um caso sério de violência porque podia levar a morte. Aqui já teve, mas não me lembro agora. No bairro, aqui no bairro eu já presenciei morte de pessoas, do cara atirar e a pessoa cair morta, mas não posso falar aonde. Eu fiquei umas duas semanas sem dormir direito. Mas já foi, passou. Graças a Deus melhorou o bairro aqui.

A adolescência é uma fase nova da vida, você descobre coisas novas da sua vida que antes você não sabia, então pra mim vem uma imagem de descoberta. A gente descobrindo um mundo novo, e pra mim tá sendo muito boa minha adolescência. Só trocaria a minha adolescência pela minha infância. Eu pretendo fazer uma faculdade, não sei ainda do que, mas eu tenho na minha mente Engenharia, Direito; quero também ter família, filhos.

---

<sup>13</sup> Nome fictício escolhido pelo aluno.

Eu não acredito que dá para viver num mundo sem violência, porque é muito difícil, a gente vê no jornal que tem pessoas loucas, é muito difícil. Pra mim, é impossível, porque tem pessoa que tem coragem de matar a própria mãe, ele vai matar um ser humano que tá passando na rua, que ele não tem nenhum relacionamento. Fora da escola o mundo é totalmente diferente, a gente vê filho matando o pai, pai matando a mãe, mãe matando o filho, pai matando o filho e se for pensar isso é uma coisa de louco mesmo. Eu acho que pode diminuir a violência, mas acabar não, nunca.

*“Aqui no bairro tem muito maloqueiro, eles intimidam, mas eu acho que não é nada demais não. Deixa pra lá. Eu já ouvi falar de brigas de gangues na saída da escola, foram alunos do 1° ano contra os do 2° ano, mas foi na outra quadra. No outro dia ficaram discutindo aí na frente”.*

## SCOT<sup>14</sup>

Eu tenho 16 anos, estou no 3° ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe, meu padrasto e minha irmã. Eu gosto de jogar futebol, jogar vídeo game e conversar com meus amigos. Na escola, eu amo jogar futebol e participo de todos os esportes, mas não gosto das aulas de Física. Eu participo da banda de música da escola e treino de futsal, eu quis participar do projeto porque eu gostei da ideia, acho muito bacana a ideia de falar sobre a violência, a principal razão é mostrar essa violência para a sociedade.

Eu não tenho nada que reclamar da minha infância, foi muito boa, eu brinquei e aproveitei bastante, tenho saudades, muita saudade. Mas sempre teve discussões, brigas, por causa de qualquer coisa. Mas briga grave, não. Eu nunca briguei na escola, nunca discuti com ninguém, nunca procurei briga, nem nada. E graças a Deus eu nunca sofri nenhuma violência. Aqui na escola tem um moleque que deve sofrer violência, porque todo mundo zoa com ele, mas eu não sei porque eu não convivo com ele.

Eu mudei de bairro recentemente, e lá eu não falo com ninguém. Mas aqui no bairro tem muito maloqueiro, eles intimidam, mas eu acho que não é nada demais não. Deixa pra lá. Eu já ouvi falar de brigas de gangues na saída da escola, foram alunos do 1° ano contra os do 2° ano, mas foi na outra quadra. No outro dia ficaram discutindo aí na frente.

A adolescência não tá como a infância, mas tô indo, tá boa, tô aproveitando também, estudando ao máximo, mas o que muda é que agora têm os problemas, as responsabilidades e fica complicado. Quando eu penso no meu futuro, eu planejo ter uma família, um bom emprego, estudar muito e ser feliz. Eu tava pensando em fazer Engenharia Mecânica, talvez Engenharia Civil, não sei ainda, mas um dos dois.

Eu acho que não acredito num mundo sem violência, acho muito difícil. Tem algumas pessoas que são muito difíceis e eu acho que a única maneira é a educação e o respeito, é a única maneira de acabar com a violência.

---

14 Nome fictício escolhido pelo aluno.

*“Quando eu era pequena, no bairro a gente brincava na outra rua, mas depois a gente foi crescendo e o pessoal foi pra outro caminho, o caminho das drogas, de festas, de bebidas e um que estudou aqui até foi preso porque trouxe drogas pra escola”.*

## **ANNABETH<sup>15</sup>**

Eu tenho 16 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe, meu pai e mais três irmãos. Eu gosto de ler, ouvir música, assistir filmes e séries, e dormir também. Na escola, eu gosto dos meus amigos, gosto de algumas matérias e outras, não. Eu participo do projeto de Química e quis participar deste para poder falar sobre a violência, ver opiniões diferentes sobre o que é e o que não é a violência, porque isso é muito importante pra gente.

Moro num bairro aqui do lado há 14 anos, eu lembro que meu pai viajava muito quando eu era pequena por causa do trabalho dele, e ele ficava dias fora. E, como eu tenho três irmãos, eu lembro muito de brincar com meus irmãos, eu brincava muito em casa, porque eu nunca fui de sair, eu fui criada assim. Quando eu era pequena, no bairro a gente brincava na outra rua, mas depois a gente foi crescendo e o pessoal foi pra outro caminho, o caminho das drogas, de festas, de bebidas, um que estudou aqui até foi preso porque trouxe drogas pra escola. Na infância, a gente conversava, mas na adolescência a gente parou de conversar.

Minha mãe brigava bastante e meus irmãos também, mas agora é bem menos, melhorou bastante. Eu não sei por que, mas eu e meu irmão do meio, a gente nunca se deu bem, mas a gente convive normal, a gente se gosta, mas antigamente a gente vivia brigando, era violência verbal e física, tinham uns empurrões. E com os meus pais era só violência verbal, eles sempre trabalharam bastante, mas quando eles viam que eu e meus irmãos estávamos brigando, eles falavam pra gente não fazer isso.

Na escola, esse ano não aconteceu briga comigo não, mas eu sempre fui motivo de chacota porque eu sempre fui magrinha, quietinha e sempre me zoavam, me chamavam de magricela, de boca de lata, porque eu usava aparelho, e no ano passado uma coisa que eu não gostava é que todo o dia um menino me xingava e eu não fazia nada pra ele, eu nunca fiz nada, e desde o primeiro dia de aula ele sempre me xingou, me atrapalhava e teve uma vez também que eu me irritei porque ele pegou um lanche da minha mesa e comeu, eu nunca falei com ele, até que ele foi expulso, ele me chamava de ratinha. Eu não gostava, eu ficava triste, mas ficava

---

<sup>15</sup> Nome fictício escolhido pela aluna.

na minha, eu me sentia ofendida, algumas vezes eu falava pra ele parar, e depois que ele foi expulso, nunca mais eu vi. Eu nunca fui de guardar rancor, então eu ia pra escola todo dia.

Meu irmão também sempre foi motivo de chacota, e quando os meninos iam brigar com ele, eu defendia ele. Era o meu irmão que eu nunca me dei bem, mas eu sou da família dele, não gosto que outras pessoas fazem isso com ele. Eu nunca deixei acontecer agressão física, porque no recreio, quando uns meninos iam bater nele, eu peguei e tirei lá do meio, se não os outros teriam batido nele.

A adolescência conforme vai passando a idade tem mais responsabilidade, depois que meu irmão mais velho começou a ter que sair, eu comecei a cuidar mais dos meus irmãos menores, e também eu nunca fui de querer sair com amigos pra parque, shopping, não sou muito de festas também, então minha adolescência é mais no meio religioso. E nesse meio eu gosto, porque eu tenho bastante amigo, eu viajo com eles, eu sou espírita, a gente estuda bastante, aprende bastante, e minha mãe também ensinou que não podia beber, usar drogas, minha mãe bebia e ela parou também. Meu pai fumava, mas ele acabou parando por insistência nossa desde quando a gente era pequeno.

Eu não sou muito de sonhar, porque vai que não acontece, mas eu sempre quis fazer Pedagogia, mas eu ainda tô indecisa com isso, eu tô gostando de Química, mas eu não tenho certeza. Mas no meu futuro, eu quero estar formada, ter um salário bom também e ainda ter a minha mãe.

Pode ser que um dia aconteça da gente viver num mundo sem violência. Eu acho que precisa de exemplo, tudo bem que a minha mãe é igual a todas as mães na verdade, e quando um bate, ela bate nele, que vai batendo em outra pessoa. Então, se for olho por olho, um fica cego. Então eu acho que violência com violência não dá certo, mas têm outros meios de ensinar, como deixar de castigo, essas coisas. Então violência não resolve tudo, porque, se a mãe bate muito na filha e ela guarda rancor, ela odeia a mãe. Isso gera uma coisa que não é muito legal.

*“Eu não me lembro de nenhuma violência que eu vi, só da violência que eu vivi, o abuso. Eu tinha 13 anos, ele 48 anos, é bem mais velho. Eu cheguei de uma viagem, fui dormir na casa dele porque ele era casado com a minha tia, era meu tio [...] Eu escondi durante seis meses, um dia caí na varanda e no outro dia descobri que estava grávida”.*

## **ISABELLY<sup>16</sup>**

Eu tenho 17 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro com a minha mãe, meu pai e a minha filha. Eu gosto de ficar com a minha família e amigos. Na escola, eu amo fazer novas amizades e não gosto do desrespeito. Não faço parte de nenhum outro projeto na escola, mas eu quis participar deste porque eu acho muito importante falar sobre esse tema, porque tem muita violência em todos os lugares.

Brincadeiras. Muitas brincadeiras é essa imagem que vem na minha cabeça quando eu penso na minha infância. Eu brincava de pega-pega, esconde-esconde com meus primos, brincadeiras que não tem mais, tinha muito encontro com a família, hoje em dia nem tanto. Eu, meu irmão e meus pais morávamos na casa minha avó, até meus onze anos, depois nós mudamos para nossa casa, meu irmão ficou um ano e depois voltou a morar com meus avós.

Eu não tive muita adolescência, eu estou começando a ter agora, porque, com 13 anos, eu fui abusada, fiquei dois anos com depressão, tive uma filha que hoje tem três anos. Minha adolescência é agora, porque eu não aproveitei nada. Agora só o que eu penso é estudar e fazer Odontologia, e vou conseguir.

Eu acredito num mundo sem violência, se todo mundo se conscientizar, eu acredito, porque não adianta só um fazer e o outro não. Eu acho que, para o mundo não ter mais violência, é preciso ter paz, respeito, respeito ao próximo, que não tem, respeito à natureza, porque hoje ninguém respeita mais.

Eu não me lembro de nenhuma violência que eu vi, só da violência que eu vivi, o abuso. Eu fiquei grávida. Eu tinha 13 anos, ele 48 anos, é bem mais velho. Eu cheguei de uma viagem, fui dormir na casa dele porque ele era casado com a minha tia, era meu tio e tem uma filha com

---

<sup>16</sup> Nome fictício escolhido pela aluna.

ela. Daí eu acordei e ele já estava em cima de mim, ele fez o ato e depois eu escondi muito tempo, depois começaram a desconfiar, porque eu não saía, só ficava em casa.

Teve um dia que minha tia veio na minha avó e eu comecei a brincar com a minha prima, hoje ela tem cinco anos e ela pediu pra eu ir pra a casa dela, daí eu falei pra minha tia que, quando ele, meu tio, chegasse era pra me trazer, porque eu não queria dormir lá, mas ela começou a limpar a casa e não me trouxe, e quando eu o vi na porta, eu entrei no banheiro e comecei a chorar demais. Eles me perguntavam e eu falava que não era nada.

Ele falava pra minha tia me perguntar se eu tinha algum namoradinho que ele ia falar pro meu pai, se eu fizesse alguma coisa, ele ia falar pro meu pai, eu falava que não era nada. Daí, eu pedi pra minha tia me levar embora de madrugada, e ela me levou. Eu escondi durante seis meses o que aconteceu, eu estava de férias da escola e caí na varanda, pedi pra minha mãe me levar no médico, no outro dia descobri que estava grávida de seis meses e que era uma menina. Não aconteceu nada com ele, tá vivendo a vida normal, eu também não fui mais atrás porque não me fazia bem.

Nesse exato dia do abuso, minha tia e minha prima estavam dormindo, e eu não dormi no quarto deles, dormi na sala, então ninguém viu. A vida dele ficou normal, ele vinha aqui na minha casa, direto ele estava aqui, reunia com meus pais pra tomar cerveja, essas coisas de família, todo o final de semana ele estava aqui em casa. No dia que eu fui fazer a ultrassom, meu pai não tinha carro, só moto, e minha vizinha tia, só que nesse dia minha mãe pediu pra ele me levar porque eles não sabiam. Mas não deu certo, porque aconteceu alguma coisa no trabalho dele, eu pedi pra minha vizinha, porque se não, ele que teria ido e ia descobrir, porque aí todo mundo descobriu a verdade.

Eu desmaiei na hora e quando acordei lá mesmo eu falei tudo. Quando cheguei em casa, tava minha família querendo saber o que eu tinha. Eu contei, mas meu pai não estava aqui e minha vizinha foi no serviço dele, pediu pra falar com o gerente e contou para o gerente tudo o que aconteceu, mas não podia falar pro meu pai, porque ele ia embora de moto, era perigoso. Quando meu pai chegou, minha mãe falou que eu estava grávida, e quando eu falei que era do meu tio, minha mãe e meu pai ficaram loucos, minha tia desmaiou, meu irmão passou mal, eu tive que trancar meu pai dentro de casa pra ele não fazer nenhuma besteira. Eu fiquei duas noites sem dormir guardando a chave de casa dentro do sutiã pro meu pai não pegar.

Depois de toda minha família saber, a gente escondeu durante umas duas semanas, porque a justiça falou que ele não podia saber, se não ele podia fugir. Minha tia falou que não

aguentava mais, que ia contar pra ele porque não tinha como conviver, olhar pra ele e não fazer nada. E mesmo a justiça não autorizando, ela ligou pra ele e falou que já sabia de tudo. Nesse exato dia, ele tava passando na minha casa e eu estava de mudança, a gente quase se viu ainda. Mas ele não chegou, porque minha tia ligou bem na hora. Depois disso eu nunca mais vi.

Dos 6 meses até quase 8 meses, eu fui morar com outra tia em outro bairro, porque eu não queria que ninguém soubesse, que ninguém me visse grávida. Só quem estava aqui no momento eram meus pais, irmão, minhas tias e minha avó por parte de mãe que sabiam de tudo, nem a família do meu pai sabia. Nós sumimos sem dar notícias pra ninguém. Fiquei trancada em casa durante todo o tempo, não saía nem no portão da casa dela.

Eu não pude fazer o aborto por causa da justiça, eu corria risco de morte porque já estava grande demais. Só iam autorizar se meu pai assinasse um termo se responsabilizando caso acontecesse alguma coisa comigo, mas eu não quis deixar meu pai passar por isso. Minha filha tava na fila para adoção, tava tudo certo.

Quando estava com 8 meses, perto dela nascer, meus pais sentaram comigo e perguntaram se era o que eu queria, porque, se eu quisesse ficar com ela, eles iam me ajudar em tudo, eu não ia parar de estudar, de nada. Era pra eu decidir. E foi nesse dia que eu comprei tudo pra ela, tirei até foto no estúdio e duas semanas depois, ela nasceu. Depois que eu aceitei, porque ela tava pra ser entregue pra adoção.

Eu estava no nono ano da escola, eu parei de estudar. Eu estudava lá no centro da cidade, nas férias mudei pra uma escola aqui perto e logo eu descobri que estava grávida e parei de estudar. Fiquei um ano sem estudar, perdi um ano.

Depois que eu decidi ficar com a minha filha, por causa da família que não sabia e já estava inventando um monte de coisas, eu sabia e teve um dia que eu não aguentei e falei que já que eu ia ficar com ela, eu queria que todos soubessem. Meu pai chamou todo mundo da família e quando eu cheguei, ele contou. Depois eu vivi como uma gestante normal, uma gestante qualquer. Não me importava mais, todo mundo me via, todo mundo já sabia que eu ia ficar com ela. Mas as pessoas inventam muitas coisas que nem sabiam. Eu tive acompanhamento psicológico durante dois anos, por um ano eu tive depressão muito profunda, demais, durante um mês eu não conseguia pegar minha filha, eu chorava demais. Depois eu fui superando.

Eu fui liberada do psicólogo, me liberaram e falaram que eu não precisava mais. O primeiro psicólogo era público, então não tinha só o meu caso, eram muitos casos e eu tinha que escutar

todos os casos e não podia falar sozinha tudo o que eu sentia, aí eu pedi pro meu pai que eu queria ir num psicólogo particular, depois me recuperei, me ajudou demais, eu tomava calmantes por causa da depressão. Depois que eu ganhei eu fiquei com depressão pós-parto e tomei calmante natural pra não ficar dependente do remédio. Eu ainda sinto aperto no coração, minha mãe até hoje tem depressão e toma remédios, meu pai não fala o que ele sente.

A justiça falou que passou muito tempo (seis meses), que eu não tinha prova nenhuma, depois de uma semana que ela nasceu eu fiz o DNA, mas nunca mais a justiça falou nada, não me procuraram, desde 2012. Eu nunca mais fui atrás, porque todas as vezes era a mesma coisa, eu tinha que contar tudo e tava me fazendo muito mal. Eu decidi deixar quieto. Mesmo a justiça sabendo onde ele trabalhava, porque eu dei o endereço, não fizeram nada.

Depois que eu estava estudando aqui perto, numa outra escola, ele [tio] foi uns dois dias na porta da escola atrás de mim, só que meus amigos já sabiam do caso e me avisaram antes, então eu não saí e nunca mais o encontrei. Eu já tinha ganhado ela, ele sabia e por isso veio atrás. Até hoje ele tem contato com a minha tia, que era casada com ele, contato normal, porque ela ainda gosta dele, eu já ouvi muitas conversas, só não voltaram a morar juntos porque a família nunca ia aceitar, mas ela ainda gosta dele e todo mundo sabe. A justiça falou pra ela que ele não podia ter contato com a filha deles porque ela mesmo tá colocando em risco a filha deles, porque se ele fez isso uma vez, ele era capaz de fazer de novo.

Ele tem outra filha mais velha do que eu, e, quando ele era casado com a minha tia, eu convivia muito com ela. Ela vinha aos finais de semana pra casa deles e a gente conversava, num dia ela me ligou e perguntou como eu estava e falou que não sabia quando ela ia pra casa dele novamente, e que um dia eu ia descobrir quem era o pai dela de verdade, antes de tudo acontecer. Ela tinha fugido da casa da mãe e eu nunca mais vi, ela tinha uns 14 anos. Quando eu cheguei à justiça, eles falaram que ele já respondia outro processo e que era dela.

E, depois disso tudo, o que me dá forças pra superar é minha filha. Apesar de tudo, ela é a minha vida, com certeza. Nos primeiros meses depois que ela nasceu, eu chorava muito. Hoje é normal, eu não posso ficar pensando nisso o dia inteiro. Agora eu olho pra ela e nem penso nele, ela é só minha.

Depois eu já namorei duas vezes, meu primeiro namoro foi bem complicado, minha filha tinha dois meses quando eu comecei a namorar, foi muito complicado e eu tive que fazer tratamento, ele sabia de tudo e me acompanhava em tudo. Com o segundo também, porque eu tive depressão. Mas eles sabiam de tudo, gostavam muito da minha filha e as famílias deles

também viviam na minha casa. Mas eu acho que eu passei por isso muito nova, eu acho que eu vivi muitas coisas que muitas meninas da minha idade não viveram até hoje, eu já aprendi muita coisa na vida muito nova, então pra mim é difícil gostar de alguém, eu não confio mais.

Aqui na escola, sobre a minha vida, sobre esse caso, poucas pessoas sabiam, mas eram meus amigos, então nunca sofri preconceito, nada. Aluno discutindo com professor e com outros alunos é normal, agressão verbal. Na frente da escola tem muito assalto, assalto demais, brigas. Eu acho que o desrespeito que motiva essas brigas, como sempre, e sempre por motivos que poderiam ser resolvidos com conversa, que geram uma grande confusão e brigas.

E tem as drogas, tem demais, e dentro da escola, porque tem um corredor que era praticamente abandonado, atrás de uma sala que era pra ser o laboratório, tem câmeras, mas falavam que não funcionavam e que agora no fim do ano que estavam funcionando, mas mesmo assim não mudou nada, porque eles continuam usando drogas. Isso de manhã, agora imagina à noite, que estudam os maiores. Quando eles querem usar drogas eles, vão para o corredor e todos sabem, todo mundo vê, na quadra, mesmo na aula de educação física, nem tem aula, porque eles vão pra lá, os alunos do ensino médio. No bairro tem muito assalto, mas é um bairro tranquilo, não tem nada de mais.

Quando eu penso no meu futuro, eu quero estar formada, porque primeiro vem o estudo, ter a minha casa, o meu carro e dar o melhor pra minha filha.

## UM OLHAR POSSÍVEL

Com o objetivo de mostrar e sem pretensão de confrontar as opiniões dos colaboradores ou mesmo as redes que foram formadas, os temas que emergiram evidenciaram-se com as percepções que mais aproximaram e/ou afastaram os narradores. As narrativas movem-nos para algumas essências do texto, com informações que ficaram implícitas, mas com plenos significados.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo dos casos de violências na/da/à escola que se tornou de conhecimento público, principalmente pelos avanços tecnológicos e midiáticos que fazem parte do nosso cotidiano, no qual podemos acompanhar em tempo real tais violências.

A diversidade de ideias, o excesso de informações superficiais disponíveis, a disseminação dos discursos de ódio, a falta de estrutura econômica e/ou afetiva podem dificultar a convivência entre os alunos e aflorar ainda mais as agressões verbais e físicas que sempre existiram no ambiente escolar.

As manifestações que acontecem no dia a dia da escola estão nas narrativas de todos os colaboradores. Não é somente a violência entre alunos que acontece intramuros na escola. Professores e gestores sofrem violências por parte de alunos e até mesmo de colegas. Esse fenômeno é uma realidade na qual o professor, por estar em contato direto com os alunos, muitas vezes torna-se o para-raios das situações vividas dentro e fora do ambiente escolar, pois há alunos que identificam a violência como uma maneira para resolver conflitos e protestar contra normas que são impostas ou que eles não entendem.

Para lidar com as violências, há vários desafios, dilemas e limitações que esses profissionais precisam enfrentar diariamente. A docência tem se tornado um trabalho cada vez mais difícil para os professores e a ausência da família na escola é ressaltada por quase todos os colaboradores como um dos desafios para lidar com as violências. Apenas a professora de Biologia não mencionou dificuldades.

Reconhecer as violências e sua complexidade é o primeiro passo para se pensar em estratégias para a não violência. Não há como reduzi-la em uma única opção, é preciso considerar

a realidade de cada escola para se pensar o que é possível fazer; requer a opinião e a participação efetiva da comunidade escolar.

Quando nos reportamos aos jovens colaboradores, às memórias da infância marcam significativamente e tornam afetivo o olhar para esta época da vida, seja por lembranças boas ou situações enfrentadas de perdas. As narrativas mostram que as brincadeiras na rua com amigos, primos e irmãos fazem parte das suas lembranças. As regras na criação, a religião, a separação dos pais, as lembranças do bairro, o distanciamento da família também estão presentes nas falas e, muitas vezes, de maneira nostálgica.

A época da transição em que o adolescente vivencia um mix de angústias, incertezas, tristezas, alegrias, perdas e descobertas. As dores pela morte e pelas violências não tiraram a esperança de um futuro melhor para esses jovens. Sempre ressaltam os estudos em suas falas, o sonho de cursar uma faculdade mesmo estando em dúvidas em relação ao curso. E, apesar de tudo, acreditam em um mundo sem violência.